

Eleições legislativas em Israel¹ (1 de novembro de 2022)

Maria Sousa Galito²
Vítor Ramon Fernandes³
João Simões⁴
Susana Vieira⁵

DOI: <https://doi.org/10.34628/2re9-ag05>

Notas introdutórias

1. Israel é um país mediterrânico, localizado no Próximo Oriente, na confluência de três continentes (Ásia, Europa e África), com cerca de 9,364 milhões de habitantes, taxa de crescimento populacional de 1,6%, esperança média de vida de 83 anos e PIB *per capita* de 51.430,1 dólares anuais, segundo estimativas de 2021 do Banco Mundial⁶. Israel faz fronteiras com a Jordânia, o Líbano, o Egito e a Síria; e faria com a Palestina⁷, embora não a reconheça como Estado. Ressalva-se que o Secretariado da ONU já utiliza, desde 17 de dezembro de 2012, a designação de “Estado da Palestina”⁸ nos seus documentos oficiais; decisão tomada após a Resolução da Assembleia das Nações Unidas A/RES/67/19, de 29 de novembro de 2012⁹.

Israel declarou independência a 14 de maio de 1948 e foi reconhecido como

Estado-Membro da ONU a 11 de maio de 1949. Cresceu demograficamente com refugiados da II Guerra Mundial, incluindo sobreviventes do Holocausto e fez face à crise económica, que resultou da “Guerra da Independência”, através de contribuições do governo e de empresas dos EUA, mas também das chamadas “compensações alemãs” do pós-Guerra¹⁰.

É uma República e um Estado de Direito Democrático e possui um sistema político multipartidário alicerçado num sistema eleitoral proporcional. A separação de poderes (legislativo, executivo e judiciário) está consagrada na lei, mas o país não tem ainda uma Constituição escrita, formal, apesar dos esforços desenvolvidos nesse sentido desde 1948¹¹.

O *Knesset* é a “Casa dos Representantes” de Israel. A sua principal função é legislar e rever leis. Também confere poder ao Governo, debate questões de relevância política e toma decisões, supervisiona o poder executivo, e elege o Presidente da República e o Presidente do Parlamento¹².

O *Knesset* é constituído por 120 deputados, com idade mínima de 21 anos, eleitos para mandatos de quatro anos. O número de assentos que cada lista partidária recebe é proporcional ao número de votantes, desde que o partido cumpra a cláusula barreira, recebendo, no mínimo, 3,25% dos votos para poder ser considerado na distribuição de mandatos. Os cidadãos são chamados a exercer o dever cívico de votar desde os 18 anos, mas não votam diretamente em candidatos a deputados, tendo de o fazer em listas partidárias.

1.1. Desde a declaração da sua independência, Israel teve 37 Primeiros-Ministros, neles incluindo aquele que resultou das eleições agora em análise, testemunhando-se a duração média de cada governo por um período de dois anos (ver Tabela 1). A exceção a esta regra reside em poucos executivos e nela podemos destacar o 15º governo, de Golda Meir (1969-1974), o 18º governo, de Menachem Begin (1977-1981), o 32º governo, de Benjamin Netanyahu (2009-2013) e o 34º governo, igualmente presidido por Benjamin Netanyahu (2015-2020). Ainda neste grupo poderemos incluir o 25º governo, de Yitzhak Rabin (1992-1995), considerando que este Primeiro-Ministro possuía as condições necessárias para cumprir a legislatura caso não tivesse sido assassinado a 4 de Novembro de 1995.

1 Para maior compreensão do sistema eleitoral israelita consultar Santos, S., Vieira, S., & Simões, J. (2021). Eleições legislativas de Israel (23 de Março de 2021). *Polis*, 2(3), 185–187. <https://doi.org/10.34628/n7v5-gh32>

2 Professora de Relações Internacionais, na Universidade Lusíada (Lisboa). Investigadora colaboradora do Centro de Estudos Jurídicos Económicos e Ambientais (CEJEA), da Universidade Lusíada.

3 Professor de Relações Internacionais, na Universidade Lusíada (Lisboa). Investigador integrado do Centro de Estudos Jurídicos Económicos e Ambientais (CEJEA), da Universidade Lusíada.

4 Mestrando em Segurança e Justiça, na Universidade Lusíada (Lisboa). Investigador colaborador do Centro de Estudos Jurídicos Económicos e Ambientais (CEJEA), da Universidade Lusíada.

5 Mestranda em Segurança e Justiça, na Universidade Lusíada (Lisboa). Investigadora colaboradora do Centro de Estudos Jurídicos Económicos e Ambientais (CEJEA), da Universidade Lusíada.

6 Banco Mundial (s/d). “Israel”. URL: <https://data.worldbank.org/country/IL>

7 ONU (s/d). “The Question of Palestine”. URL: <https://www.un.org/unispal/history/>

8 A ONU tem dois Estados Observadores “não membros”: a Palestina e a Santa Sé Vaticano). A palestina dispõe de Missão de Observador Permanente na sede das Nações Unidas em Nova Iorque. Fonte: ONU (2012). “Permanent Observer Mission of the State of Palestine to the United Nations”. URL: <http://palestineun.org/>

9 ONU (2012). “Resolution adopted by the General Assembly on 29 November 2012 – 67/19 – Status of Palestine in the United Nations”. General Assembly, 4 December, pp. 1-4. URL: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N12/479/74/PDF/N1247974.pdf?OpenElement>

10 Embaixada de Israel em Portugal (s/d). “História: Estado de Israel”. URL: <https://embassies.gov.il/Lisboa/AboutIsrael/history/Pages/HISTORIA-Estado-Israel.aspx>

11 Knesset (s/d). “Constitution de Israel – Why is a Constitution Necessary?”. URL: https://knesset.gov.il/constitution/ConstIntro_eng.htm

12 Id. Ibid. “A Estrutura do Governo”. URL: <https://knesset.gov.il/constitution/ConstMGovt.htm>

Tabela 1: Knesset e Governos de Israel¹³

Governo	Primeiro-Ministro	Partido	Início	Fim
<i>Conselho de Estado Provisional</i>	David Ben-Gurion	Mapai	14-05-1948	10-03-1949
1°	David Ben-Gurion	Mapai	10-03-1949	01-11-1950
2°	David Ben-Gurion	Mapai	01-11-1950	08-10-1951
3°	David Ben-Gurion	Mapai	08-10-1951	24-12-1952
4°	David Ben-Gurion	Mapai	24-12-1952	26-01-1954
5°	Moshe Sharett	Mapai	26-01-1954	29-06-1955
6°	Moshe Sharett	Mapai	29-06-1955	03-11-1955
7°	David Ben-Gurion	Mapai	03-11-1955	07-01-1958
8°	David Ben-Gurion	Mapai	07-01-1958	17-12-1959
9°	David Ben-Gurion	Mapai	17-12-1959	02-11-1961
10°	David Ben-Gurion	Rafi	02-11-1961	26-06-1963
11°	Levi Eshkol	Mapai	26-06-1963	22-12-1964
12°	Levi Eshkol	Mapai	22-12-1964	12-01-1966
13°	Levi Eshkol Yigal Allon	Alinhamento	12-01-1966 26-02-1969	26-02-1969 17-03-1969
14°	Golda Meir	Alinhamento	17-03-1969	15-12-1969
15°	Golda Meir	Alinhamento	15-12-1969	10-03-1974
16°	Golda Meir	Alinhamento	10-03-1974	03-06-1974
17°	Yitzhak Rabin	Alinhamento	03-06-1974	20-06-1977
18°	Menachem Begin	Likud	20-06-1977	05-08-1981
19°	Menachem Begin	Likud	05-08-1981	10-10-1983
20°	Yitzhak Shamir	Likud	10-10-1983	13-09-1984
21°	Shimon Peres	Alinhamento	13-09-1984	20-10-1986
22°	Yitzhak Shamir	Likud	20-10-1986	22-12-1988
23°	Yitzhak Shamir	Likud	22-12-1988	11-06-1990
24°	Yitzhak Shamir	Likud	11-06-1990	13-12-1992
25°	Yitzhak Rabin Shimon Peres	Partido Trabalhista	13-07-1992 05-11-1995	05-11-1995 22-11-1995
26°	Shimon Peres	Partido Trabalhista	22-11-1995	18-06-1996
27°	Benjamin Netanyahu	Likud	18-06-1996	06-07-1999
28°	Ehud Barak	Um Só Israel	06-07-1999	07-03-2001
29°	Ariel Sharon	Likud Kadima	07-03-2001 17-02-2003	17-02-2003 27-02-2003
30°	Ariel Sharon Ehud Olmert	Kadima	27-02-2003 14-04-2006	04-01-2006 04-05-2006
31°	Ehud Olmert	Kadima	04-05-2006	31-03-2009
32°	Benjamin Netanyahu	Likud-Achi	31-03-2009	18-03-2013
33°	Benjamin Netanyahu	Likud	18-03-2013	14-05-2015
34°	Benjamin Netanyahu	Likud	14-05-2015	17-05-2020
35°	Benjamin Netanyahu	Likud	17-05-2020	13-06-2021
36°	Naftali Bennett Yair Lapid	State Camp/ Yamina Yesh Atid	13-06-2021 01-07-2022	01-07-2022 01-11-2022

1.2. Ainda no contexto introdutório entendemos sublinhar, que entre 06-04-2021 e as eleições de 01-11-2022, os partidos com assento parlamentar no Knesset eram: Agudat Yisrael, Ta'al, Atid Ehad, "Azul e Branco", Beyahad, Degel HaTorah, Derech Eretz, Joint List (Hadash, Balad), Joint List (Hadash, Ta'al, Balad), "Partido Trabalhista", "Liberdade Económica", Likud, Meretz, "Nova Esperança", "Nova Esperança – Unidade para Israel", Noam, Otzma Yehudit, "Zionismo Religioso", Shas, Single MK - Amichai Chikli, State Camp, United Arab List (Ra'am), United Torah Judaism, Yemina, Yemina, Yesh Atid, e Yisrael Beitenu.¹⁴

Tabela 2: Knesset e Presidentes da República de Israel¹⁵

Presidência	Presidente	Partido	Início	Fim
<i>Conselho de Estado Provisional</i>	David Ben-Gurion Chaim Weizmann	Mapai Zionistas	14-05-1948 16-05-1948	16-05-1948 17-02-1949
1ª	Chaim Weizmann	Zionistas	17-02-1949	09-11-1952
Presidente Interino ¹⁶	Yosef Sprinzak	Mapai	09-11-1952	16-12-1952
2ª	Yitzhak Bem-Zvi	Mapai	16-12-1952	23-04-1963
Presidente Interino ¹⁷	Kadish Luz	Mapai	23-04-1963	21-05-1963
3ª	Zalman Shazar	Mapai	21-05-1963	24-05-1973
4ª	Ephraim Katzir	Alinhamento	24-05-1973	29-05-1978
5ª	Yitzhak Navon	Alinhamento	29-05-1978	05-05-1983
6ª	Chaim Herzog	Alinhamento	05-05-1983	13-05-1993
7ª	Ezer Weizman	Partido Trabalhista	13-05-1993	13-07-2000
Presidente Interino ¹⁸	Avraham Burg	Um Só Israel	13-07-2000	01-08-2000
8ª	Moshe Katsav	Likud	01-08-2000	01-07-2007
Presidente Interino ¹⁹	Dalia Itzik	Kadima	01-07-2007	15-07-2007
9ª	Shimon Peres	Kadima	15-07-2007	24-07-2014
10ª	Reuven Rivlin	Likud	24-07-2014	07-07-2021
11ª	Isaac Herzog	Partido Trabalhista	07-07-2021	

14 Partidos no atual Parlamento de Israel: <https://main.knesset.gov.il/EN/mk/apps/faction/faction-lobby?KnessetID=24&FactionID=1083>

15 Govil (2022). "Former Presidents of Israel". The Presidency in Israel, General Information. URL: <https://www.gov.il/en/Departments/Guides/presidency-in-israel?chapterIndex=3>

16 Yosef Spinzak assumiu a presidência interinamente quando Chaim Weizmann adoeceu (tendo acabado por falecer), até à eleição do Presidente Yitzhak Bem-Zvi

17 Kadish Luz assumiu a presidência interinamente quando Yitzhak Bem-Zvi faleceu de forma súbita, até à eleição do Presidente Zalman Shazar

18 Avraham Burg assumiu a presidência interinamente quando Ezer Weizman abdicou do cargo, até à eleição do Presidente Moshe Katsav

19 Dalia Itzik assumiu a presidência interinamente quando Moshe Katsav solicitou uma licença, até à eleição do Presidente Shimon Peres. Dalia Itzik foi a primeira mulher a presidir o Knesset e também a primeira mulher a assumir o cargo de Presidente de Israel, ainda que o tenha feito na condição de interina.

13 The Knesset (s/d). "All Governments of Israel". URL: <https://main.knesset.gov.il/EN/mk/government/Pages/governments.aspx?govId=36>

1.3. Já no que respeita aos Presidentes da República, eleitos pelo Knesset, se percebe que a situação é distinta daquela que assinalámos a propósito dos Chefes de Governo (ver Tabela 2, com a lista de Presidentes da República de Israel, desde a declaração de independência em 1948 até aos nossos dias). Aqui se constata, o que não deixa de ser normal, uma clara estabilidade no cumprimento dos mandatos, algo que temos de associar quer ao próprio sistema de eleição, quer à função exercida pelos Presidentes da República.

Feita uma sumária introdução sobre o quadro político israelita, vejamos de seguida o que resultou das últimas eleições legislativas.

2. As legislativas de 1 de Novembro de 2022

Após o apuramento dos resultados das eleições legislativas de 1 de Novembro de 2022, constatou-se uma redução da taxa de abstenção relativamente às anteriores eleições de 23 de Março de 2021, passando de 32.56% para 29.37%²⁰, contabilizando-se um total de 4.794.593 de votos com uma percentagem de 0.62% de votos inválidos²¹. Os resultados são os que se podem constatar na Tabela 3, tabela essa onde apenas constam os partidos que, entre os 40 que se candidataram, obtiveram votos suficientes para conseguirem lugares no parlamento.

Tabela 3: Resultados Eleições Legislativas de 1 de Novembro de 2022²²

Partidos	Resultados em votos	Resultados em Percentagem (%)	Número de deputados eleitos
Likud	1.115.336	23.4%	32
Yesh Atid	847.435	17.8%	24
Religious Zionist Party	516.470	10.8%	14
The National Unity Party	432.482	9.1%	12
Shas	392.964	8.2%	11
United Torah Judaism	280.194	5.9%	7
Yesrael Beitenu	213.687	4.5%	6
Ra'am	194.047	4.1%	5
Hadash-Ta'al	178.735	3.8%	5
The Labor Party	175.992	3.7%	4

A análise dos dados demonstra a ocorrência de três principais alterações face às eleições de 3 de Março de 2021²³. Em primeiro lugar, os partidos New Hope e Blue & White que haviam concorrido individualmente em 2021, formaram a coligação HaMakhane HaManlakhti; em segundo lugar o grupo Yamina desintegrou-se com Naftali Bennet a afastar-se da arena política e Ayelet Shaked a concorrer pelo Jewish

Home; por último também a Joint List foi dissolvida com o Hadash-Ta'al e o Balad a competirem individualmente²⁴.

Os resultados apurados garantiram assim a 5ª vitória a Benjamin Netanyahu, líder do Likud, o qual anunciou, a 23 de Dezembro de 2022, a formação de um governo de coligação com vários outros partidos ultra-ortodoxos. A obtenção de uma maioria de 64 lugares no Knesset com a sua nova coligação prevê garantir a estabilidade necessária a Netanyahu para o novo mandato que iniciará²⁵. A sua nova coligação é constituída não só por partidos ultra-ortodoxos, como também por partidos da extrema direita em Israel. Assim, no campo ortodoxo, identificamos a presença do Shas, liderado por Arye Dery e a United Torah Judaism, sob a liderança de Yitzhak Goldknopf. Já na chamada direita radical encontramos a tríade do Religious Zionism, composta pelo próprio Religious Zionist Party, Otzma Yehudit e Noam²⁶.

Esta análise permite também perceber que, em contraponto com o que havia sucedido nas eleições anteriores, as quais efectivaram uma mudança no panorama político de Israel, há um retorno ao *status quo* prévio às eleições do passado dia 23 de Março de 2021, em razão de Netanyahu estar de volta ao poder. A ideia do aludido retorno é confirmada em razão do Likud de Benjamin Netanyahu ter conseguido nesta eleição mais dois assentos que na anterior, conseguindo também chegar a acordo para concretizar a coligação necessária para formar governo. Saber quanto tempo ele durará, num Estado com as características políticas sobejamente conhecidas, é algo, porém, que não sabemos antecipar.

3. O impacto das eleições na política externa de Israel

Até ao dia das eleições legislativas em Israel, a ideia que prevalecia era de uma tensão entre aqueles que consideravam que qualquer resultado era melhor do que voltar a ter Benjamin Netanyahu no poder e aqueles que, diferentemente, consideravam que apenas Benjamin Netanyahu conseguiria atingir uma maioria no Knesset para conseguir formar governo e dirigir o país. O resultado agora conhecido, a que se seguiu a formação de um novo governo, é da maior importância pois determinará em larga medida a direção da política doméstica israelita nos próximos tempos, mas também a sua política externa, pois esta última é muito condicionada pela primeira.²⁷ Isto para além das suas particularidades e especificidades relativamente aos processos de decisão política.²⁸

24 The Israel Democracy Institute. (n.d.-b). *Elections for the 25th Knesset*. Consultado a 24 de Dezembro de 2022, In <https://en.idi.org.il/israeli-elections-and-parties/elections/2022-1/>

25 Haaretz. (12 de Dezembro de 2022). *What you need to know about Netanyahu's radical new government*. Haaretz.com. Consultado a 24 de Dezembro de 2022, In <https://www.haaretz.com/israel-news/2022-12-12/ty-article/far-right-israel-explained/00000185-063f-dad3-afad-f73fda300000>

26 Ibid.

27 Alden, Chris e Aran, Amnon. (2017). *Foreign Policy Analysis: New Approaches*. London: Routledge; Hil, Christopher. 2016, *Foreign Policy in the 21st Century*. London: Palgrave.

28 Aran, Amnon. (2021). *Israeli Foreign Policy since the End of the Cold War*. Cam-

20 IDEA. (n.d.). *Israel*. Consultado a 24 de Dezembro de 2022, In <https://www.idea.int/data-tools/country-view/144/40>

21 Ibid.

22 The Israel Democracy Institute. (n.d.). *Elections and Parties - 2022*. Consultado a 24 de Dezembro de 2022, In <https://en.idi.org.il/israeli-elections-and-parties/elections/2022/>

23 Ver Santos, S., Vieira, S., & Simões, J. (2021). Eleições legislativas de Israel (23 de Março de 2021). *Polis*, 2(3), 185–187. <https://doi.org/10.34628/n7v5-gh32>

A política externa de Israel tem-se caracterizado por um conjunto alargado de relações e alianças com vários Estados, muitos deles situados em regiões que estão muito para além da sua localização geográfica.²⁹ No entanto, as questões regionais assumem particular importância tendo em consideração a subsistência e a sobrevivência do Estado de Israel. Nesse âmbito, a relação entre Israel e os Estados Unidos da América – o tradicional aliado de Israel – merece destaque. Os Estados Unidos tiveram um papel muito significativo aquando da criação do Estado de Israel em 1948, particularmente através do Presidente Truman, e têm sido um importante aliado desde então, especialmente no que concerne a sua segurança, não obstante as capacidades militares de Israel.³⁰ Existem também valores que são partilhados entre israelitas e norte-americanos, tanto pela comunidade judaica norte-americana, como também por outras comunidades.³¹

Alguns analistas argumentam que tem faltado à política externa de Israel solidez, designadamente, a nível conceptual, cultural e estrutural devido à influência da componente militar, mas também nos aspetos securitários, onde é mais fácil e, eventualmente, menos exigente conseguir-se atingir consensos.³² Com toda a probabilidade, tal deve-se em larga medida às questões de segurança que se colocam a Israel. Nesse contexto, a natureza da política de Israel em relação aos palestinianos e ao Irão merece particular destaque.

Relativamente à Palestina, a política de Israel desde a criação do Estado tem-se caracterizado, de um modo geral, por uma alternância entre dois tipos de estratégia. Por um lado, um conjunto de tentativas de algum envolvimento com os palestinianos residentes na Cisjordânia e, até certo ponto, com os residentes na Faixa de Gaza, apesar das cautelas face ao ambiente hostil numa tentativa de apaziguar as tensões existentes. Por outro, uma política de reforço e consolidação do Estado procurando controlar e fazer face ao que se considera serem ameaças existentes no ambiente regional em que está inserido. No primeiro caso, tem-se procurado uma maior aproximação aos Estados Árabes, em geral, e às populações palestinianas, em particular, com o objetivo de atingir a paz cedendo algum território. Assim, tem-se utilizado mais a diplomacia em alternativa à capacidade militar para atingir a paz e tornar a situação menos tensa na região. Os Primeiros-ministros Yitzhak Rabin e Shimon Peres, que pertenciam ambos ao Partido Trabalhista, constituem exemplos deste tipo de estratégia. No segundo caso, a estratégia tem-se baseado fundamentalmente em conceder alguma autonomia aos territórios ocupados desde a Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, em troca de paz por parte da população árabe. Mas isto sem ceder territórios e, inclusivamente, com alguma

ocupação territorial, mais ou menos agressiva, sem dar grande espaço a soluções diplomáticas. Exemplos de Primeiro-ministro com esta estratégia são Yitzhak Shamir e Benjamin Netanyahu, ambos membros do partido Likud, de centro-direita. Naturalmente, têm ocorrido diferenças e nuances nestas duas grandes linhas estratégicas, algumas que se caracterizam por ações de política mais ou menos de natureza unilateral, designadamente no que concerne a estratégia com um carácter mais militar e menos atenta a possibilidades de negociação.³³

Disto isto, no que se conhece da política de Benjamin Netanyahu, verificou-se uma posição algo ambígua e contraditória enquanto foi Primeiro-ministro de Israel no passado, entre junho de 1996 e julho de 1999 e, posteriormente, entre 2009 e 2021. Por um lado, manifestou sempre uma clara e radical aversão, e antipatia, em relação aos árabes, considerando-os como criminosos e terroristas. Mas por outro, foi também sob a sua liderança enquanto Primeiro-ministro que os árabes melhoraram de forma mais considerável o seu nível de vida, o que alguns analistas explicam como resultando da dissonância cognitiva que tem caracterizado a política de Israel relativamente aos Árabes.³⁴

A recente vitória de Netanyahu, juntamente com os partidos políticos mais à direita em Israel, de extrema-direita e ultraortodoxos, coloca os países árabes numa situação ainda mais complexa. Contrariamente a situações passadas, o Likud é o partido político mais à esquerda da coligação e, nesse sentido poderá vir a estar sob pressão para a adoção de políticas mais extremistas, designadamente, de anexação total da Cisjordânia, e em relação aos palestinianos em geral. Na realidade, já foram feitas declarações no sentido de mais anexações e de um maior controlo da Cisjordânia.³⁵ Tendo a normalização de relações entre Israel, os Emirados Árabes Unidos e o Bahrein, através do Tratado de Paz Abraão, em 15 de setembro de 2020 e mediados pelo Presidente Trump, sido considerada pelos palestinianos como uma traição por parte desses países árabes, apesar de se ter procurado convencer as respetivas populações que a normalização de relações facilitaria a situação palestiniana³⁶, será interessante observar a reação dos países árabes face à política de Israel. A melhoria de relações entre Israel e o Egito, sendo também importante, particularmente em termos económicos, mas também securitários, também não trouxe até à data, nem deverá trazer num futuro próximo uma alteração na política de Is-

33 Aran, Amnon. (2021). *Israeli Foreign Policy since the End of the Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 2, argumenta que, na realidade, existiu também uma lógica que designa por unilateralista e representada por anteriores Primeiros-ministros, designadamente, Ehud Barak e Ariel Sharon, mas também Ehud Olmert em menor grau, que favorecia uma redução das ocupações, por tal ser do interesse de Israel, mas sem procurar acordos com contraparte árabes. O que se pretendia era negociar essas reduções com a comunidade internacional o reconhecimento de fronteira.

34 Freedman, Robert O. (Ed.). (2020). *Israel under Netanyahu. Domestic Politics and Foreign Policy*. Oxon and New York: Routledge.

35 <https://www.npr.org/2022/12/29/1145952664/benjamin-netanyahus-new-israeli-government-will-make-west-bank-expansion-a-prior>; <https://www.arabnews.com/node/2223331/middle-east>.

36 <https://expresso.pt/internacional/2020-09-20-Acordos-de-Abraao.-O-sabor-agricolo-da-paz-entre-Israel-e-dois-paises-arabes>.

bridge: Cambridge University Press, pp. 4-11.

29 Shindler, Colin (Ed.). (2014). *Israel and the World Powers. Diplomatic Alliances and International Relations beyond the Middle East*. New York: Tauris.

30 Ross, Dennis e Makovsky. (2010). *Myths, Illusions, and Peace: Finding a New Direction for America in the Middle East*. London: Penguin Books, pp. 33-36.

31 Freedman, Robert O. (Ed.). (2009). *Contemporary Israel. Domestic Politics, Foreign Policy, and Security Challenges*. Boulder: Westview Press.

32 Hoffman, Ronen. (2019). *Israel's Foreign Policy under Benjamin Netanyahu*. Philadelphia, PA: Foreign Policy Research Institute, p. 4.

rael face aos palestinianos. Até porque a política do Egito em relação aos diferentes movimentos na Palestina, designadamente à Fatah e ao Hamas, também não tem sido totalmente clara.³⁷ Aqui também, será importante observar o desenrolar dos acontecimentos.

A questão do Irão tem sido também muito problemática para Israel tendo em consideração a hostilidade entre ambos desde 1979.³⁸ É conhecida a oposição que Netanyahu sempre manifestou em relação ao JCPOA³⁹ quando Obama era Presidente dos EUA e que criou várias tensões entre ambos.⁴⁰ Na realidade, Netanyahu demonstrou essa posição logo no início de forma contundente considerando o acordo um “erro histórico”.⁴¹ No entanto, para além da questão nuclear iraniana, existem também preocupações de natureza regional, designadamente, em relação à influência iraniana na Síria e no Líbano. Assim, se não é expectável nenhuma alteração das posições de Netanyahu face ao passado⁴² e uma alteração radical de política externa nesta matéria, será interessante observar e analisar como serão as suas relações com o Presidente Biden no que concerne a política norte-americana face ao Irão. O governo anterior, de Lapid e Bennet, permitiu que o Irão avançasse com o seu programa de enriquecimento de urânio até 60%. Entretanto, a posição de Israel em relação ao Irão mudou. Também é expectável que existam pressões para admitir políticas mais radicais, por parte da coligação ou de partidos mais à direita da coligação governamental.

37 <https://arabcenterdc.org/resource/egypts-ties-to-israel-deepen-despite-public-misgivings/>.

38 Eilam, Ehud. (2018). *Israel, the Arabs and Iran. International Relations and Status Quo, 2011-2016*. Oxon and New York: Routledge, pp. 73-89.

39 Joint Comprehensive Plan of Action.

40 <https://www.mei.edu/publications/source-netanyahus-opposition-jcpoa>.

41 <https://www.brookings.edu/blog/markaz/2015/07/14/netanyahu-and-the-iran-nuclear-deal-a-historic-mistake/>.

42 <https://www.jpost.com/israel-elections/article-721307>.

